# O Antropoceno e a nossa visão de mundo - 19/01/2022

\_Sobre um tempo em que o ser humano deixa marcas geológicas em um planeta cuja  
imagem ele precisa rearticular\*\*[i]\*\*\_  
  
\*\*O Antropoceno: uma inovação\*\*. A despeito do 34º Congresso Internacional de  
Geologia, em 2012, declarar o Antropoceno uma “possível” época geológica e,  
conforme ressalta Latour sobre o tamanho do peso desse tipo de decisão, já que  
colocaria uma marca da humanidade na geo-história, ainda assim, foi decretado  
o fim do Holoceno[ii]. Nesse sentido, depois de 11 mil anos de desenvolvimento  
da civilização, há um período novo de instabilidade[iii].  
  
Certamente, continua Latour, a burocracia associada a tal decisão se deve a  
que a comunidade geológica precisa de um sinal geológico que seja medido pela  
estratigrafia, ou seja, seu reconhecimento nas rochas. Entretanto, não se  
discute o fato que o termo Antropoceno, cunhado por Crutzen no ano 2000[iv],  
já seja consenso nas pesquisas de mudanças climáticas.  
  
Embora o \_Novo Regime Climático\_ não tenha respaldo ainda na Geologia (depois  
de 2016, mas antes de 2019 quando foi chancelado[v]), Latour aponta para as  
contribuições do grupo liderado por Zalasiewicz a respeito dos temas das  
conferências: potências de agir, zona metamórfica, etc., e nossas pegadas  
começam a aparecer na base rochosa, nossa ação gera fenômenos em escala global  
e o dispêndio de energia da humanidade como um todo chega ao gasto energético  
de vulcões ou tsunamis, senão que nossa potência pode atingir a das placas  
tectônicas (nosso gasto por volta de 17 terawatts ainda ínfimo perto dos 130  
mil oriundos da ação do sol).  
  
Não obstante o citado na definição do termo, Latour recupera nossas  
“contribuições”[vi], enfatizando os efeitos dos sinais radioativos das bombas  
atômicas. Se antes queríamos dominar a natureza, agora trata-se de procurar  
nosso traço em suas ruínas. Importante ressaltar o fato de marcamos um tempo  
geológico a partir de uma contribuição de 100 a 200 anos, o que mostra o ritmo  
da transformação.  
  
\*\*Mente et malleo\*\*. Porém, ressalta Latour, é justamente o Antropoceno,  
“cavilha de ouro” (golden spike), que pode se tornar o conceito filosófico que  
nos afastará da modernidade. Se a questão humana era parte dos estudos em  
ciências humanas, esse novo oximoro trata de colocar “Anthropo” no centro da  
“ciência natural” e da geologia, deixando para traz a área das humanidades  
que, as voltas com nossos valores, não viu o trabalho do martelo[vii].  
  
E o termo, conforme continua ele, sendo mal compreendido, faz com que  
apressadamente se fundam as noções de Natureza e Cultura, em metamorfose capaz  
de petrificar o rosto humano ou antropomorfizar a natureza. A esse propósito  
Latour alude à revista Nature[viii] que, trazendo a “Era do humano”, não  
percebeu que se tratava exatamente do seu fim.  
  
\*\*A ocasião ideal para desagregar as figuras do homem e da natureza\*\*.  
Retomando o tema anterior, Latour enfatiza que o Antropoceno não é capaz de  
reconciliar natureza e sociedade, mas que vem para desintegrar tais noções tão  
presentes até então. Pois quando a ação humana se funde com a geologia, tudo  
se mistura, pois nos misturamos aos ciclos do carbono e do nitrogênio, e às  
impressões de lavas em rochas se misturam plásticos.  
  
O Antropoceno habilita a transposição da geografia física e da geografia  
humana tornando obsoleto um conceito como o de Natureza. Assim como não  
permite responsabilizar ninguém por ele, já que a humanidade como um todo não  
poderia atuar como um agente único, dotado de consistência moral ou política.  
E mesmo que se pudesse responsabilizar é possível já imaginar a grita em  
contrário. Entretanto, não se pode enumerar a pegada de carbono de cada um  
porque há povos distintos, há interesses diversos, enfim, uma miríade de  
hábitos e ações as mais contraditórias que nos impede de ser um todo  
unificado.  
  
\*\*Sloterdijk ou a origem da imagem da esfera\*\*[ix]\*\*\*\*. Conforme argumenta  
Latour, para retirar o fardo que é para o humano carregar o Globo todo nas  
costas, convém recorrer ao conceito de esferas de Sloterdijk, como que capaz  
de imunizar e perpetuar a vida. É esse conceito de esfera, germinado na  
história da filosofia, que Sloterdijk usa para tematizar um envoltório que nos  
permite viver e respirar, que nos climatiza. Inclusive para criticar o Dasein  
de Heidegger, ele pergunta: para onde o Dasein é jogado no mundo, qual a  
composição do ar e temperatura de lá?  
  
Segundo Sloterdijk, criou-se uma imagem de Globo que não se sustenta, se o  
Globo é belo, não se põe de pé. Ter uma visão global é sair da esfera e se  
expor ao mundo, quebrar o envoltório é destruir a camada de proteção que nos  
sustenta vivos. Envoltório frágil, mas que contém as condições climáticas que  
permitem nossa existência.  
  
Conforme Latour, “oferecendo-nos a primeira filosofia que atende diretamente  
às exigências do Antropoceno”, Sloterdijk conceitua um Deus Esfera (Deus sive  
Sphaera)[x] que pode romper a cosmologia ocidental ao colocar a Terra no  
centro jogando Deus para a periferia. Ele mostra que há um bifocalismo a ser  
superado: local teocêntrico ou geocêntrico. No mais, pensar globalmente  
trazendo a reboque Deus nos impede ter de pensar historicamente e ficamos sem  
o tempo e o espaço...  
  
\*\*A confusão entre a ciência e o globo\*\*. Da mesma maneira há, para Latour,  
duas visões de mundo científicas que não se reconciliam: a da Natureza (na  
natureza, centrada no cosmos) e a da Natureza no laboratório, como se uma  
descoberta científica pudesse traduzir a Natureza. Do mesmo modo que a imagem  
do Globo ou Deus cristão é o Globo platônico separado e perfeito, sem os  
efeitos da gravidade. Esse sim, se pode abarcar com a mão[xi], mas que aí não  
passaria de um globo de papel machê.  
  
 Então, Segundo Latour, é pelo uso da esferologia de Solterdijk ou da história  
da ciência que conseguiremos escapar da maldição de Atlas, pelo entendimento  
que a noção de globo não inclui tudo o que está contido no mundo, o global é  
um modelo reduzido pois nunca se pode pensar globalmente sobre a Natureza ou  
Gaia.  
  
\*\*Tyrrell versus Lovelock\*\*. Conforme Latour, ao tratar do Antropoceno, de  
Gaia ou do Globo, confundem-se as figuras de conexão com as de totalidade,  
mesmo entre os cientistas. Um exemplo que ele traz é o de Tyrrell que converte  
Gaia em algo superior que envolveria a Terra[xii]. Diante disso, Tyrrell  
postula que Lovelock não consegue provar que existe essa camada de proteção da  
Terra, tal como uma Providência. E aí seu erro, conforme indica Latour, de  
tomar o todo pelas partes.  
  
A despeito do alerta de Lovelock e de sua hesitação em definir Gaia, ainda  
assim Tyrrell a toma por um ente todo-poderoso como que por uma visão  
teológica, talvez pela influência daquele conceito de Globo. Mesmo que  
Lovelock tenha conceituado uma versão profana de Gaia, não teleológica e que  
foge de um nível de conexão e outro de totalidade reguladora, Tyrrell é  
taxativo ao adotar o segundo ponto em prol da teoria da evolução, tirando  
qualquer possibilidade de os organismos também poderem interferir no meio.  
  
Por mais que Lovelock enfatize não haver intenção oculta na autorregulação  
planetária, um neodarwinista como Tyrrell vê ali uma Teodiceia. Isso porque  
alguns cientistas se agarram à visão global de um superorganismo, ao invés de  
se mirarem nas conexões entre os seres. E o Antropoceno ensina que não há uma  
unificação em uma esfera terráquea e que a cosmologia do planeta azul como  
Globo deve ser superada. Se livrar da maldição de Atlas é ultrapassar a imagem  
da Esfera platônica sem história nem descontinuidade, a ideia ideal.  
  
\*\*Os ciclos de realimentação não desenham um globo\*\*. Mas é tomando as  
potências de agir com um movimento em ciclos que se traça um caminho que rompe  
o desenho da esfera. E aqui Latour toca num ponto particularmente problemático  
que é o de como trazer essa noção de Antropoceno, tão distante, para o centro  
das atenções. Ainda que já tenham havido vários ciclos para superar a visão de  
Globo, como as observações de Keeling e as medições do ciclo do dióxido de  
carbono, o buraco na camada de ozônio ou os estudos de Carl Sagan sobre um  
possível inverno nuclear, é preciso que os sintamos, de fato, em nós mesmos.  
Isso quer dizer receber os efeitos do que praticamos, de nossa frágil condição  
climática, ou seja, desses ciclos que voltam a nós e nos sensibilizam (assim  
como os ciclos para parar de fumar, por exemplo, conforme cita Latour: a  
necessidade de sentir na pele, ou, nos pulmões...).  
  
É por ciclos entrelaçados que a camada de Gaia se compõe, envoltório delicado  
das zonas críticas e que, não somente sente a nossa ação, como reage e é nesse  
momento que temos que ter nossos sensores ativados para não sermos  
negacionistas e identificarmos de que maneira as potências de agir estão  
conectadas.  
  
\*\*Enfim, outro princípio de composição\*\*. Por mais que Gaia gere sinais de  
insatisfação, a partir do Antropoceno que destruiu qualquer sonho de união no  
cuidado com a Natureza, ela em si também não nos une como que nos chamando à  
ordem. Dada a complexidade do que se passa sob Gaia, nem mesmo a Ciência une,  
haja vista as pseudocontrovérsias lideradas pelos climatocéticos. Há, então,  
que se tecer uma universalidade, segundo Latour, pela construção de coletivos  
em uma multiplicidade de ações em torno de uma luta política.  
  
Redesenhar o formato Natureza/Cultura em uma nova cosmologia, que é de um  
tempo pós-natural e pós-humano. Não se trata mais de questões ambientais, mas  
da redistribuição das potências de agir, maior que as paixões políticas que  
conhecemos.  
  
\*\*Melancolia ou o fim do globo\*\*. Por fim, Latour relembra Melancolia, o  
filme, com a imagem de Melancolia, e não o planeta Terra, sendo Gaia, pois é  
aquela que devastará o que é demasiado humano. Enfim destruídos, haveremos de  
encontrar uma nova teologia geopolítica.  
  
   
  
\* \* \*  
  
[i] Resenha da Quarta Conferência de Bruno Latour: \_O Antropoceno e a  
destruição (da imagem) do globo.\_ Em LATOUR, B. \_Diante de Gaia: oito  
conferências sobre a natureza no Antropoceno.\_ São Paulo / Rio de Janeiro: Ubu  
Editora / Ateliê de Humanidades Editorial, 2020\. Como de costume, de maneira  
alguma visa exaurir a argumentação do autor, é um recorte das principais  
ideias abordadas.  
  
[ii] Conforme <https://www.infoescola.com/geologia/holoceno/>: Na escala de  
tempo geológico, o \_Holoceno\_ ou Holocênico é a época do Período Quaternário  
da Era Cenozoica do Eon Fanerozóico, que se iniciou há cerca de 11,5 mil anos  
e se estende até o presente, onde a humanidade se desenvolveu. O  
desenvolvimento da humanidade se deu principalmente graças ao clima mais ameno  
e estável. Os grupos nômades de caçadores-coletores passaram para uma  
população com casas fixas de mais de 6 bilhões de pessoas, que estão agrupadas  
em complexas organizações sociais com nacionalidades, culturas e modos de  
vida. Durante o Holoceno, o clima sofreu drásticas mudanças em relação à  
temperatura, chuva, nível médio do mar, entre outros aspectos. Indicadores  
climáticos mostraram que o El Niño também foi impactado pelas mudanças  
climáticas ocorridas no Holoceno, que podem ter sido geradas pela variação nos  
parâmetros orbitais. Neste mesmo período, também ocorreu a extinção em massa  
de diversos animais e vegetais, principalmente de grandes mamíferos, por volta  
de 9.000 a 13.000 anos atrás, ou seja, ao final da última glaciação, no limite  
Pleistoceno - Holoceno. Este grande evento pode estar relacionado a dois  
outros eventos que ocorreram na mesma época, sendo eles a mudança climática e  
a fixação dos povos humanos. A quantidade de espécies que estão entrando em  
extinção é superior a quantidade de novas espécies ou até mesmo de nascimento  
de animais e vegetais. Com todas estas mudanças que ocorreram e continuam a  
ocorrer, teve início uma nova corrente de pesquisa, na qual os pesquisadores  
propõem uma época nova, o Antropoceno. No entanto, para que esta nova época  
seja efetivamente reconhecida na tabela geológica é necessário que se tenha  
uma significância ou ocorrência global que marque o estratotipo globalmente,  
um \_golden Spike\_. Esta significância ou golden Spike é um ponto que marca o  
limite entre tempos geológicos diferentes, e o grande desafio está sendo  
encontrar este ponto que determina o início do Antropoceno para que esta nova  
nomenclatura seja aceita sem ressalvas pela comunidade científica da geologia  
mundial. Embora seja aceito que o homem seja o grande causador de algumas  
mudanças que estão ocorrendo na Terra, não se sabe precisar se estes impactos  
se iniciaram com o advento da agricultura ou da industrialização, se estão  
relacionados ao crescimento da população e ao uso de recursos naturais. No  
final do século XIX e início do século XX, a sociedade deixou de ser  
industrial e passou a ser uma sociedade de informação, com um grande aumento  
da população global e consequente consumo de recursos naturais, modificando  
ainda mais o planeta Terra.  
  
[iii] Há controvérsias se por volta de 1800, no começo da revolução industrial  
ou no pós 2ª Guerra, graças à radioatividade artificial. Um pouco disso na  
nota anterior.  
  
[iv] Tradução do texto seminal publicado por Paul Crutzen & Eugene Stoermer em  
2000 na Global Change Newsletter, 41:17-18  
<https://revistas.uminho.pt/index.php/anthropocenica/article/view/3095/2989>.  
Sucinto, porém mostra o estrago que temos feito ao planeta.  
  
[v] Conforme publicação: <http://quaternary.stratigraphy.org/working-  
groups/anthropocene/>.  
  
[vi] São: "a modificação por barragens da sedimentação dos rios; mudanças na  
acidez dos oceanos; a introdução de produtos químicos anteriormente  
desconhecidos; as ruínas compostas de vastas infraestruturas que não se  
parecem em nada com as anteriores; as mudanças na taxa e na natureza da  
erosão; as variações no ciclo do nitrogênio; o aumento contínuo do CO2  
atmosférico; sem esquecer o desaparecimento abrupto de espécies vivas durante  
o que os biólogos se resignam chamar de "sexta extinção" p. 187, 188. Muitos  
dos pontos tratados por Crutzen e Stoermer.  
  
[vii] Nossa resenha segue a fina ironia latouriana.  
  
[viii] Referência de Latour à ilustração de Jessica Fortner  
<https://www.nature.com/articles/519144a>.  
  
[ix] Sobre o autor e o conceito ver:  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2021/10/a-incudora-tecnica-uma-  
critica-ao.html>.  
  
[x] Paráfrase de Espinosa? -  
<https://www.reflexoesdofilosofo.blog.br/2017/02/deus-ou-seja-natureza1.html>.  
  
[xi] Aqui ressaltando sua constante referência a Atlas, nesses tópicos: “Na  
mitologia da Grécia antiga, Atlas era um gigante condenado a carregar o  
universo nas costas”, conforme o artigo acessado em 16/01/2022:  
<https://escola.britannica.com.br/artigo/Atlas/480699>.  
  
[xii] Latour uso o livro “On Gaia: A Critical Investigation of the  
Relationship Between Life and Earth” de Tyrrell como base da argumentação do  
equivocado professor.